

Nova fase para o amor materno

PABLO REBELLO

DA EQUIPE DO CORREIO

Carlos Vieira/CB/DA Press

Alegria de reconhecer o próprio filho após o nascimento deu lugar à dor da separação e o esforço de duas mulheres para amar outra criança. A troca de bebês no Hospital Regional de Sobradinho deixou as mães Dirléia Kellen Sousa, 26 anos, e Fernanda Moreira dos Santos, 24, profundamente abaladas. A confirmação do teste de DNA não trouxe alívio para elas. Ao contrário. Veio como uma pá de cal para a esperança que ambas nutriam de tudo não passar de um mal entendido. "Tive vontade de morrer naquela hora. Não tenho como dizer o que sinto", desabafou Dirléia. "Estou péssima. Tinha dedicado todo o meu amor para aquela criança", lamentou Fernanda.

Feita a troca, as duas receberam atendimento psicológico no Hospital de Sobradinho. Os médicos queriam mantê-las internadas por um período de cinco a dez dias. Mas as mães não aceitaram. "Não queriam me deixar sair. Disseram que eu não tinha estrutura para cuidar do bebê. Mas respondi para eles que iria para minha casa de qualquer jeito, nem que tivesse que pular o muro", afirmou Dirléia. Ela reclamou do atendimento no hospital e da forma como foi tratada. "Tentavam jogar a culpa pela troca na gente. As enfermeiras faziam piadinhas de mau gosto. Nos chamavam de princesinhas. Uma assistente social chegou a dizer que o erro também era



ROSANA FERREIRA, MÃE DE DIRLÉIA, E JOSÉ MATOS, MARIDO DE FERNANDA: APOIO E ATENÇÃO REDOBRADOS

nosso, porque não tínhamos olhado a pulseira antes", revelou.

Dirléia só conseguiu sair do hospital depois que sua mãe assinou um termo de responsabilidade e prometeu que a filha retornaria hoje para fazer uma avaliação psicológica. Em casa, ela pôde finalmente ficar a sós com o verdadeiro filho. Ela lhe deu o nome de João Pedro. Mas ainda sente dificuldades em reconhecê-lo como seu e sente vontade de rever a criança que amamentou durante cinco dias.

"Fiquei apegada a ele. Fiz amizade com a outra mãe, a quem agradeço muito. Ela cuidou do meu filho e cuidei do dela. Espero que, apesar da dor que sentimos agora, possamos rir disso no futuro", ressaltou.

Fernanda também sente falta de João Pedro, mas não se sente capaz de ver a criança novamente. "Não consigo olhar para ele e achar que está tudo bem. Ainda estou tentando me apegar ao meu filho verdadeiro e tem sido difícil." Fernanda

chegou a trocar o nome do filho, que antes iria se chamar Haysom e agora será conhecido como Rafael. O pai da criança, o técnico em refrigeração José Matos Paiva, 45, está preocupado com o estado psicológico da esposa. "Ela ficou praticamente sem comer, chorando o tempo todo", disse. As duas famílias pretendem se encontrar essa semana para decidir se irão ou não processar o hospital pelo constrangimento e dor que causaram para ambas as mães.

MEMÓRIA

1998, um ano de enganos

O Hospital Regional da Asa Norte (Hran) entregou a pais trocados duas meninas nascidas em 30 de maio de 1998. O engano durou sete meses até ser percebido. As crianças só retornaram aos pais biológicos em dezembro do mesmo ano. Os casais ganharam indenizações de R\$ 45 mil cada.

Ceilândia

Em outubro de 1998, duas mães tiveram as filhas trocadas no Hospital Regional de Ceilândia. Elas descobriram o erro na hora de amamentar. Além de as meninas rejeitarem os peitos, uma das mães viu que o nome na pulseira de identificação estava errado.

Taguatinga

Também em 1998, a troca de bebês incluiu um erro de identificação de crianças que nasceram mortas. A falha ocorreu no necrotério do Hospital Anchieta, em Taguatinga. Um deles havia sido inclusive sepultado. O hospital admitiu a falha humana.